

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O MAL-ESTAR NAS DEMOCRACIAS: UMA LEITURA A PARTIR DE FREUD

Alexandre Patricio de Almeida

Para início de debate

Mas ao menos para fora o Eu parece manter limites claros e precisos.
(Freud, 1930/2010, p. 16, grifos meus)

Ao explorar o fluxo instintual do ser humano e a repressão que ele exige – resultando em conflitos intrapsíquicos –, Freud desenvolveu conceitos que nos ajudam a compreender fenômenos sociais como o autoritarismo, a ascensão de movimentos populistas e a crescente intolerância em sociedades marcadas pela desigualdade e polarização.

Em seu clássico ensaio *O mal-estar na civilização* (1930), Freud discute a tensão entre os instintos humanos e as exigências da vida em sociedade. Para ele, a civilização exige uma repressão contínua dos impulsos agressivos e sexuais, gerando um mal-estar psíquico inevitável, mas necessário para a manutenção da ordem social. No entanto, essa repressão pode acumular tensões que, sob certas condições, irrompem em comportamentos destrutivos, ameaçando tanto a coesão social quanto as instituições democráticas.

Adiciona-se a isso o fato de que a sociedade contemporânea, moldada pelo capitalismo, caracteriza-se por um sistema dominante, imperativo e muitas vezes violento. Nesse contexto, existe um “ideal” de indivíduo que se baseia em valores que tendem a marginalizar a diferença, a singularidade e as exceções, tratando-as como ameaças a serem excluídas. As emoções humanas, nesse modelo societário, tornam-se produtos refinados de uma cultura que celebra o individualismo. Como Freud observa, “Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador ‘fora’” (Freud, 1930/2010, p. 18).

Nos últimos anos, temos observado o aumento dessas tensões, manifestas em movimentos antidemocráticos que desafiam os valores fundamentais sobre os quais

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

nossas sociedades foram construídas. A insatisfação com a democracia liberal, a desconfiança nas instituições e o ressurgimento de discursos autoritários podem ser vistos como expressões desse mal-estar reprimido. Tais movimentos não surgem do vazio; são, em muitos aspectos, o resultado de uma pressão psíquica acumulada que encontra uma válvula de escape na retórica do ódio e na rejeição dos princípios democráticos.

Cabe destacar aqui, que Freud (1930) reconhece que a agressividade é um componente inerente da natureza humana, e que a civilização deve empregar grandes esforços para conter esses instintos, limitando suas expressões através de formações psíquicas reativas. Ele afirma que, “Devido a essa hostilidade primária entre os homens, a sociedade é permanentemente ameaçada de desintegração” (p. 78). Logo, “A civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações através de formações psíquicas reativas” (Freud, 1930/2010, p. 78).

Essa renúncia à gratificação dos impulsos agressivos, necessária para a vida em sociedade, não é algo fácil de sustentar e gera um mal-estar intenso. Freud nos alerta que essa tensão, entre os nossos impulsos agressivos e a necessidade de controlá-los, cria um conflito interno que muitas vezes se manifesta como ansiedade, frustração e, eventualmente, violência – especialmente quando esses instintos são defletidos para fora.

Nessa esteira, a crescente polarização e os movimentos extremistas que se alastram em nossas democracias podem ser vistos como sintomas de uma sociedade que, ao reprimir suas tensões internas, acaba por projetá-las no espaço público. A dificuldade em conciliar nossos instintos com as demandas da vida em sociedade coloca em risco a própria base da democracia. A solução, talvez, resida em encontrar formas mais saudáveis e integradas de lidar com esses conflitos, criando espaços onde as tensões possam ser elaboradas e transformadas, ao invés de serem descarregadas de maneira destrutiva. Em última análise, a sobrevivência da democracia pode depender da nossa capacidade de reconhecer e lidar com as forças psíquicas que a ameaçam.

No entanto, existem outros textos freudianos que nos auxiliam a compreender a atual crise nas democracias. Proponho, a seguir, alguns comentários sucintos sobre cada um deles, articulando-os com o nosso tema central.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Algumas notas sobre outras contribuições de Freud

Voltando alguns anos no tempo, mais precisamente em Psicologia das massas e análise do Eu (1921), Freud descreve como os indivíduos, ao se identificarem com um líder carismático, podem *abdicar de sua individualidade* em favor de um sentimento de pertencimento a um grupo maior. Isto é, “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, *portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social*, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (Freud, 1921/2011, p. 14, grifos meus). Esse processo de identificação com o líder é essencial para entendermos como ocorre a ascensão de figuras autoritárias que prometem soluções simples para problemas complexos.

Ou seja, a massa, ao se unir sob a liderança de uma pessoa que encarna suas frustrações e desejos reprimidos, torna-se suscetível a comportamentos irracionais e destrutivos. Isso é evidente na forma como certos líderes populistas mobilizam seus seguidores contra os inimigos, criando um ambiente de constante confronto e polarização. Dito de outro modo, o mestre de Viena argumenta que, dentro de uma massa, o indivíduo perde parte de sua identidade e se torna suscetível a ser guiado pelos impulsos e desejos do grupo, frequentemente alimentados por um líder carismático. Esse fenômeno pode ser observado em tempos de crise, em que figuras autoritárias aparecem como respostas milagrosas a um sentimento coletivo de insegurança e frustração. Essas lideranças frequentemente exploram os impulsos agressivos reprimidos da população, direcionando-os contra inimigos externos ou internos, o que pode desestabilizar ainda mais as estruturas democráticas.

Outro texto relevante, aqui, é *O futuro de uma ilusão* (1927), em que Freud discute a religião como uma forma de controle dos impulsos humanos e de manutenção da coesão social. Embora a religião, para Freud, seja uma ilusão necessária, ela desempenha um papel crucial na contenção dos instintos agressivos. Com o declínio da autoridade religiosa em muitas sociedades modernas, surge a questão de como essas sociedades podem substituir os mecanismos que anteriormente ajudavam a controlar os impulsos destrutivos. A ausência de um substituto eficaz pode contribuir para o aumento da agressividade coletiva, manifestada tanto na desconfiança em relação às instituições democráticas quanto na busca por soluções autoritárias.

O artigo *O Eu e o Id* (1923) também oferece contribuições relevantes. Nesse ensaio, Freud descreve o Eu como mediador entre os desejos do Id e as exigências da

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

realidade; um equilíbrio que, no contexto social, é constantemente desafiado. Em momentos de crise, quando as pressões sobre o Eu se tornam insuportáveis, ele pode ceder ao Id, permitindo que os impulsos agressivos e destrutivos venham à tona. Além disso, nesse mesmo ensaio de 1923, Freud problematiza o lugar ocupado pelo Supereu, que atua como uma espécie de juiz interno, incorporando as normas, valores e proibições transmitidos pela cultura e pela educação. O Supereu não apenas regula os desejos do Id, mas também impõe padrões que o Eu deve tentar cumprir. No contexto social, o Supereu pode ser interpretado como as instituições e normas coletivas que mantêm a coesão social e a ordem moral. No entanto, quando essas instituições são enfraquecidas ou perdem sua autoridade, o Supereu social também se torna menos eficaz. Isso pode levar a uma desregulação generalizada, onde as normas sociais são questionadas e os impulsos mais primitivos ganham força.

A fragilização do Supereu social pode ser observada na crescente desconfiança em relação às instituições democráticas e no questionamento das normas que tradicionalmente sustentam o convívio social. A ascensão de movimentos que rejeitam o consenso científico, o respeito às diferenças e a busca pelo bem comum pode ser vista como sinais de um Supereu coletivo em crise, incapaz de exercer sua função reguladora. Sem a força moderadora do Supereu, o Eu coletivo fica sobrecarregado e tende a ceder aos impulsos mais destrutivos do Id, resultando em polarização, violência e rupturas.

Portanto, o desafio que enfrentamos é duplo: por um lado, precisamos fortalecer o Eu coletivo, garantindo que ele seja capaz de mediar as demandas do Id com as exigências da realidade civilizatória; por outro, é fundamental revitalizar o Supereu social, restaurando a confiança nas instituições e revalorizando as normas que possibilitam a vida em sociedade. Sem esses dois pilares – um Eu forte e um Supereu atuante – a democracia se vê ameaçada por forças internas que podem conduzi-la à desintegração.

Porém, antes da construção dessas ideias, em 1908, Freud publicou outro trabalho interessante, chamado *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, que pode ser considerado uma preparação para *O mal-estar na civilização* (1930). Nesse escrito, o mestre de Viena explora como as repressões aos impulsos sexuais, ao longo da história do Ocidente, foram impostas pelas instituições sociais e resultaram nas “doenças nervosas” características da modernidade. Esse processo, intensificado na era moderna, pode ser interpretado como um fator que contribuiu para o aumento das

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

perturbações psíquicas. A moral, assim como o surgimento do direito, conforme observado por Michel Foucault, é vista como um legado da modernidade.

A moralidade se torna, então, uma marca distintiva da civilização. A divisão entre o bem e o mal promovida por essa moralidade civilizatória está profundamente enraizada na renúncia à satisfação sexual. À medida que a civilização avança, a renúncia aos impulsos sexuais se torna mais pronunciada, com a religião reforçando esse processo de repressão. Para a psicanálise, essa moralidade rigorosa é responsável pelo aumento tanto em número quanto em gravidade das doenças nervosas modernas, em grande parte devido à restrição das possibilidades de satisfação. Esse paradoxo freudiano sugere que cada nova renúncia aos impulsos se transforma em uma fonte de fortalecimento da consciência moral, aumentando sua severidade e intolerância.

Ao abordar a moral sexual, Freud argumenta que a cultura se constrói sobre as proibições dos impulsos. Desde *Totem e tabu* (1913) até *Moisés e o monoteísmo* (1937-1939), Freud explora a interdição do incesto e a proibição dos desejos do filho em relação à mãe, desenvolvendo o mito do assassinato do Pai da horda primitiva. Esse mito freudiano assinala que a culpa universal humana estabelece uma ordem moral que carrega em si uma natureza democrática. Nesse sentido, as instituições sociais podem ser vistas como formações reativas ao complexo de Édipo. Freud resume essa ideia afirmando que o complexo de Édipo é fundamental para entender como o ordenamento social, a moralidade, o direito e a religião.

Joel Birman oferece uma perspectiva que complementa o pensamento freudiano ao abordar os desafios contemporâneos. Em *O mal-estar na atualidade* (2023), Birman explora como o narcisismo exacerbado, aliado ao espetáculo da violência promovido pela mídia, contribui para a formação de subjetividades fragilizadas. Essas subjetividades, por sua vez, buscam segurança em figuras autoritárias e em narrativas simplistas que prometem soluções fáceis para problemas intrincados. Ele observa que práticas neonazistas e a agressão ao outro, em aspectos essenciais e inalienáveis, tornaram-se quase banais, especialmente quando legitimadas por líderes que encorajam tais comportamentos.

Birman (2023) argumenta que a sociedade de massa, com sua tendência à superficialidade e ao culto da individualidade, promove uma cultura narcisista que enfraquece os laços sociais. Em vez de unir, essa cultura torna os indivíduos mais vulneráveis às tentações autoritárias. Birman destaca que a ênfase excessiva na exaltação pessoal, característica do mundo espetacular, leva à erosão da solidariedade.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O lema predominante parece ser “cada um por si”, em um mundo no qual a coletividade e o apoio mútuo estão em declínio. Ele ressalta que a solidariedade, essencial para relações humanas saudáveis, depende da capacidade de reconhecer e valorizar a diferença do outro. No entanto, na cultura do narcisismo, predominante em nossa era neoliberal, o sujeito se torna incapaz de admirar ou respeitar essa diferença, pois está fixado em seu próprio Eu, enxergando o outro apenas como um objeto a ser utilizado.

Tais reflexões, ao dialogar com a teoria freudiana, lançam luz sobre a crise que enfrentam as democracias modernas. A fragilização dos laços sociais e o enfraquecimento do Supereu coletivo, conforme discutido anteriormente, criam um terreno fértil para a ascensão de discursos autoritários e para a erosão dos valores democráticos. O narcisismo exacerbado, incentivado pela cultura do espetáculo, mina a capacidade dos indivíduos de se conectarem genuinamente com os outros e de contribuírem para o bem comum.

Ao articular essas ideias com o que foi mencionado anteriormente, fica claro que a crise nas democracias contemporâneas não se limita ao âmbito político ou institucional; ela é também psíquica e social. A cultura do narcisismo, ao enfraquecer a solidariedade e incentivar o individualismo extremo, desestabiliza os alicerces essenciais para a coexistência democrática. Como Freud sugere, a democracia é um empreendimento civilizatório que requer tanto instituições fortes quanto um laço social coeso e um Supereu que regule os impulsos destrutivos.

Considerações finais

Os apontamentos desenvolvidos ao longo deste artigo indicam que a crise das democracias contemporâneas deve ser compreendida como uma questão multifacetada, que envolve não somente aspectos políticos e institucionais, mas profundas dinâmicas psíquicas e sociais. Freud nos ensina que a civilização é construída sobre a repressão dos impulsos, e que essa repressão, embora necessária para a vida em sociedade, gera tensões internas que, se não forem bem geridas, podem levar à desintegração do tecido social.

A partir de Freud, vemos como a moralidade civilizatória, ao impor restrições aos impulsos sexuais e à agressividade, cria um Supereu coletivo que busca manter a ordem e a coesão social. No entanto, conforme Birman nos alerta, as transformações culturais e o predomínio da cultura do espetáculo e do narcisismo na atualidade têm enfraquecido esse Supereu coletivo, levando à fragmentação dos laços sociais e à erosão da

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

solidariedade. Esse enfraquecimento cria um ambiente propício para o surgimento de discursos autoritários e para a vulnerabilidade das democracias.

Em conclusão, a crise democrática que enfrentamos hoje reflete falhas estruturais e uma desordem psíquica profunda que permeia a sociedade. Superá-la exige mais do que políticas corretivas; requer um esforço intenso para reconstruir os valores que outrora deram sentido à convivência coletiva. A democracia só florescerá se reconhecermos que sua vitalidade está enraizada na saúde psíquica de uma sociedade que valoriza o outro, respeita as diferenças e cultiva a solidariedade. É necessário reencontrar o equilíbrio entre o individual e o coletivo, entre o desejo e a renúncia, para que, juntos, possamos entrelaçar novos fios de esperança na frágil trama que sustenta os laços da nossa civilização.

Referências

- Birman, J. (2023). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas (vol. 18)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas (vol. 16)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Obras completas (vol. 15)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1921)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas (vol. 11)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1912-1913)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Obras completas (vol. 17)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1927)
- Freud, S. (2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud, *Obras completas (vol. 8)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1908)
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras completas (vol. 19)*. São Paulo: Companhia das letras. (Texto originalmente publicado em 1939)